

Contexturas escritas do Gelasal: faces e rastros de uma concepção de língua(gem)**Written contexture of Gelasal: faces and traces of a conception of language(gem)**

Hugo Pedro Silva dos Santos¹
Universidade Federal de Alagoas

Maria Nadine Batalha Dantas²
Universidade Federal de Alagoas

Sonia da Rocha³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Objetivamos, neste trabalho, investigar a concepção de língua(gem) do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada Queer em Questões do Sertão Alagoano (Gelasal), a partir de resumos acadêmicos, documentos-fonte, de pesquisadore(a)s desse coletivo de estudos, publicados nos anais do II Encontro Nacional de Linguística Aplicada. A pesquisa é de cunho documental, qualitativo e interpretativista, na qual procedemos com uma leitura enunciativo-discursiva do corpus, referenciando-nos em Bakhtin (2016), Volóchinov (2018), Albuquerque Jr. (2008, 2011, 2015, 2017, 2023), Santos Filho e Santos (2024), Moita Lopes (2006) e Fabrício (2017), dentre outro(a)s. Os resultados apontam que o coletivo de estudos adota uma concepção enunciativo-discursiva como tendência predominante de linguagem, entretanto, apesar da predominância, há uma cópula teórico-metodológica com uma concepção performativa de linguagem, o entendimento de língua enquanto rizoma e o empreendimento teórico de uma “geo-história” ou “geografia discursiva”, nos quais se compreende que há uma intersecção indissociável entre linguagem, território e a invenção/construção dos espaços sociais. Desta feita, concluímos que o procedimento teórico-metodológico adotado pelo coletivo de estudos faz “desaprender” e “despraticar” ideais modernistas de língua, ao empreender que a realidade inteligível, o que inclui o território, é construída e performatizada pelas práticas discursivas.

¹ Doutorando e mestre em Estudos da Linguagem, com ênfase em Linguística Aplicada, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). Bolsista Capes-DS (2023-2027). Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL Campus do Sertão. Pesquisador do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em questões do Sertão Alagoano. hugo.santos.071@ufrn.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5087-112>.

² Mestranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Linguística Aplicada à Educação. nadinesdantas@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5621-6074>.

³ Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas e em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas. Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa. soniadarocha06@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5535-7152>.

Palavras-chave: Gelasal. Concepção de linguagem. Geografia Discursiva. Resumos acadêmicos

Abstract

In this work, we aim to investigate the conception of language of the Study Group on Applied Linguistics/Queer in Issues of the Sertão Alagoano, based on academic summaries, source documents, from researchers of this study group, published in the annals of xxx. The research is of a documentary, qualitative and interpretive nature, in which we proceed with an enunciative-discursive reading of the corpus, referring to Bakhtin (2016), Volóchinov (2018), Albuquerque Jr. (2008, 2011, 2015 2017, 2023), “x ” (2024), Moita Lopes (2006) and Fabrício (2017), among others. The results indicate that the collective of studies adopts an enunciative-discursive conception as the predominant tendency of language, however, despite the predominance, there is a theoretical-methodological coupling with a performative conception of language, the understanding of language as a rhizome and the theoretical enterprise of a “geo-history” or “discursive geography”, in which it is understood that there is an inseparable intersection between language, territory and the invention/construction of social spaces. This time, we conclude that the theoretical-methodological procedure adopted by the study collective makes it “unlearn” and “unpractice” modernist ideals of language, by realizing that intelligible reality, which includes the territory, is constructed and performed by discursive practices.

Keywords: Gelasal. Language conception. Discursive Geography. Academic summaries

Introdução

O Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (doravante Gelasal) é um coletivo de estudos vinculado à Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, e ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL), da mesma instituição. Registrado no CNPq em 2013 pelo fundador e líder, Professor Doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, o grupo é formado por estudantes de graduação e pós-graduação, assim como pelo pesquisador e pelas pesquisadoras que assinam este manuscrito.

Dedicadas a problematizar a construção linguístico-discursiva da noção de sertão/Nordeste/semiárido e a performatização/construção discursiva (em gênero e sexualidade) dos sujeitos viventes nesse espaço semantizado como paupérrimo, inóspito e adverso, as pesquisas-vida realizadas no Gelasal realizam diálogos e nutrem proficuamente pressupostos teóricos-metodológicos de uma Linguística Aplicada crítico-transgressiva, indisciplinar e “para cortar”, nos termos de Pennycook (1998, 2006), Moita Lopes (2006) e Santos Filho (2023), respectivamente, no sentido de que tanto a área de investigação quanto às pesquisas materializadas nesse grupo de estudos esmeram-se em problematizar controvérsias, coerções e iniquidades sociais materializadas, estruturadas, mantidas e/ou subvertidas nas práticas languageiras em suas relações com os espaços sociais. Nesse sentido, ao considerarmos que os discursos são especializantes e que “é gente que faz espaços”, nesse coletivo de estudos, as investigações realizadas tomam como escopo a intersecção “linguagem e território” e os modos pelos quais o que se semantiza sobre os espaços habitados reverberam marcadores que estruturam, são estruturados e produzem

performances dos sujeitos, no que concebemos ser também uma interface entre “linguagem, gênero e sexualidade”.

Entendemos, portanto, que o objeto desse coletivo intelectual é complexo, nos termos do Signorini (1998), e multifacetado. Assim, ao considerarmos tais aspectos, objetivamos, neste trabalho, investigar a concepção de língua(gem) desse coletivo a partir de resumos acadêmicos de pesquisadore(a)s do Gelasal publicados nos anais do II Encontro Nacional de Linguística Aplicada (ENALA), realizado na UFAL em 2023. Nos dispomos, ainda, a identificar e interrogar quais relações dialógicas são estabelecidas com outras concepções de linguagem e quais seus (possíveis) desdobramentos epistemológicos. Neste sentido, simultaneamente questionamos: qual é a concepção de língua(gem) que sustenta as pesquisas no Gelasal, nessas produções intelectuais apresentadas no II Enala? Quais os diálogos teórico-metodológicos com outras concepções e (possíveis) desdobramentos/deslocamentos epistemológicos?

O *corpus* de análise é composto por oito resumos acadêmicos simples, seis apresentados em um simpósio temático e dois em comunicações orais em seções “livres”, produções acadêmicas aqui entendidas como fontes de pesquisa, pois esses documentos nos falam, dizem, enunciam, discutem, demonstram, indiciam e, conforme argumenta Albuquerque Jr. (2013), sobre o *status* documental dos arquivos, para a produção historiográfica, integram operações técnicas e políticas, do mesmo modo em que instituem relações complexas e estratégicas. Compreendemos, portanto, que os resumos/documentos se configuram como materialidade linguístico-discursiva significativa para uma pesquisa, pois fornecem rastros para a construção, através do discurso do outro, de uma “face”, a face da concepção de linguagem de um coletivo de estudos e suas nuances teórico-metodológicas.

Tanto a escolha do *corpus* quanto a pesquisa se justificam por contribuir de forma significativa para explorar dada realidade enunciativo-discursivamente construída, neste caso, a concepção de língua/linguagem utilizada e vivificada pelo referido coletivo de estudos. O intento investigativo se justifica, do mesmo modo, por se configurar como uma resposta crítico-responsiva às demandas por investigação, divulgação e reflexão em torno da língua(gem) enquanto objeto de estudo em coletividades intelectuais, suas interfaces teóricas e metodológicas, assim como contribui para as reflexões em torno das pesquisas em língua(gem) no escopo dos estudos em Linguística Aplicada (LA).

A pesquisa é de cunho interpretativista, quantitativo e documental. Dado o arranjo proposto, procedemos com uma análise enunciativo-discursiva do *corpus*, de forma que, conforme orienta Volóchinov (2018), analisamos i) a esfera da atividade humana na qual estão inseridas as práticas discursivas analisadas, ii) o gênero do discurso e iii) as escolhas linguístico-discursivas que integram o arranjo estilístico dos enunciados. Além da abordagem teórico-metodológica do representante do Círculo de Bakhtin, achamos importante estabelecer um diálogo, uma cópula de saberes, com estudos da linguística textual a partir de Antunes (2010), focalizando aspectos relacionados à textualidade.

Ademais, este trabalho está estruturado em três partes após essa introdução. Em um primeiro tópico, denominado “Contexturas e facetas teóricas do Gelasal: para ‘solos moventes’, geografias discursivas em LA /Queer”, discutimos sobre a intersecção linguagem e território, hibridismo teórico-metodológico, LA e geografia discursiva. Em um

momento posterior, intitulado “Em documentos-fontes, faces e rastros de uma concepção de língua(gem)”, procedemos com a discussão da metodologia e a análise dos dados. Por fim, tecemos as considerações finais do trabalho.

Contexturas e facetas teóricas do Gelasal: para “solos moventes”, geografias e/ou geo-histórias discursivas em Linguística Aplicada/*Queer*

A compreensão teórica de que os espaços são constructos discursivos ensejou/enseja uma articulação significativa entre os saberes, conceitos, métodos e teorias de diferentes áreas do conhecimento que lidam com categorias do pensamento, tais como região, espaço, lugar, cidade, território etc., de modo que promovemos, no Gelasal, um diálogo significativo entre os estudos da linguagem, a Geografia e a História. É relevante destacar que esse diálogo não se dá, nesse círculo de estudos, de maneira interdisciplinar, no sentido de manter as fronteiras disciplinares em uma justaposição de campos de conhecimento, mas, sim, em cópulas nas quais conceitos e ideias nunca antes articulados são postos em contato, conforme discute Fabrício (2017).

Nesse sentido, a investigação em torno das relações indissociáveis entre linguagem e território, suas nuances e complexidades, resultou em um empreendimento teórico que Santos Filho e Santos (2024) denominam de *geografia discursiva e/ou geo-história discursiva*, noções e conceitos que implodem um pensamento fronteiriço e apontam para curtos-circuitos (Signorini, 1998), mestiçagem e hibridismo teórico-metodológico (Moita Lopes, 2006). Entendemos, do mesmo modo, que essa mestiçagem oriunda de uma cópula de saberes está para uma indisciplinaridade radical em LA, que faz “desaprender” e “despraticar”, nos termos do que defende e sustenta Fabrício (2017), e que nos faz, mais especificamente, “desaprender e despraticar” o sertão/Nordeste em sua suposta estabilidade semântica e estratificação sociodiscursiva.

Outrossim, diante da “contextura” teórico-metodológica apresentada, discutimos, adiante, sobre geografia discursiva e/ou geo-história discursiva, a fim de promover o entendimento acerca desse conceito que é central nos estudos do referido coletivo de estudos.

Para “solos moventes” e “terrenos pantanosos”, geografias e/ou geo-histórias discursivas

Região é uma categoria conceituada, conforme o Oxford Languages, como “vasta extensão de terreno”. De acordo com Albuquerque Jr. (2009), para essa noção de região o pensamento historiográfico é partícipe, isto é, a constrói, como um objeto fixo, evidente e não problemático, derivado de uma realidade inquestionável e autoexpressiva, porque se trataria pretensamente de um recorte espacial físico extraído de um dado prévio, pré-discursivo, apolítico e a-histórico.

Mas, apesar desse conceito e contexto em que “região” era considerada um objeto não problemático, ocorreu nas ciências humanas, na década de 1990, conforme discute Pennycook (2015), o que se denomina de *virada espacial*, momento de ruptura

epistemológica em que a análise da realidade urbana das cidades, e dos espaços em geral, passou a ser pensada mediante a participação da linguagem e das relações sociais que dela decorrem, de modo que se argumentou, por exemplo, em Pennycook (2016, p 626), que é “a linguagem que lubrifica as cidades”. A língua(gem) passou a estar na centralidade das investigações em torno do conceito de região, que, para Albuquerque Jr. (2011), diz respeito não a um “solo fixo”, pré-discursivo, mas a um “solo movente”, em metáfora utilizada por esse historiador dos espaços para significar que os espaços não são verdadeiros, essenciais e permanentes, por outro lado, instáveis e complexos, porque são, sobretudo, conceitos e invenções político-ideológicas. Logo, os espaços são pantanosos.

Nessa compreensão, para esse historiador, o Nordeste foi enunciado e inventado mediante um engenho discursivo antimoderno, ao tornar-se objeto-de-discurso de diferentes práticas discursivas que o semantizaram como inóspito, paupérrimo e produtor de repugnância, o lugar das estereotípias. Um exemplo fatídico do que discute Albuquerque Jr. (2011, 2017) é um atentado à bala praticado na Escola Sant’Anna, no município de Barreiras, Bahia, em 2022. Mas, mais especificamente *tweets* do autor do atentado, publicados antes de ele consumir o ataque. Achamos pertinente mobilizar abaixo, *ipsis litteris*, os tweets do assassino, pois esses enunciados permitem “dimensionar” a semantização à região Nordeste e ao seu povo.

Imagem 01 - Da “repugnância ao merdeste”



Fonte: Paiva, Gabriela. (2022).⁴

A captura de tela recupera dois *tweets* publicados no dia 06/09/2022, no *Twitter*. O que nos interessa, nesse caso, são os “rastros” enunciativo-discursivos do autor do

⁴ Paiva, Gabriela. Estudante que matou cadeirante a tiros na BA teria anunciado ataque horas antes no Twitter: “Nunca pensei que o Nordeste fosse tão repugnante”. Hugo Gloss Brasil. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/estudante-que-matou-cadeirante-a-tiros-na-ba-teria-anunciado-ataque-horas-antes-no-twitter-nunca-pensei-que-o-nordeste-fose-tao-repugnante/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

atentado, que se utiliza de estratégias linguístico-discursivas como um neologismo depreciativo para, em uma amálgama, “fundir” duas unidades lexicais, “merda” e “Nordeste”, e produzir a palavra “merdeste”.

Seu enunciado/texto “Saí da capital do Brasil para o merdeste, e nunca pensei que aqui fosse tão repugnante” é uma frase complexa, pois é composta por duas orações cujo sujeito é implícito, na primeira, e marcado na primeira pessoa do singular, o que “personifica o enunciador”, que expressa ações ocorridas no passado através de dois verbos principais, “saí” e “pensei”, ambos conjugados no pretérito perfeito do indicativo, cada qual centralizando a ação em cada uma das respectivas orações, mas as ligando.

As duas orações i) “Saí da capital do Brasil para o merdeste” e ii) “e nunca pensei que aqui fosse tão repugnante” são ligadas pela conjunção coordenativa “e”, que produz a relação entre duas ideias ao expressar o efeito de adição. Neste sentido, o enunciador, sujeito implícito da primeira oração, marcado na primeira pessoa do singular, expressa que saiu da capital federal para o “merdeste”, local em que ele está, de forma que, além de haver relações coordenadas entre as duas orações, produz relação entre a palavra “merdeste” e o advérbio de lugar “aqui”, colocado na posição de adjunto adverbial na segunda oração, estratégia linguística que ajuda a indicar uma localidade, neste caso o local em que o enunciador está, o Nordeste, que ao mesmo tempo funciona como sujeito da segunda oração e é predicado como “tão repugnante”.

A lém de ilustrar um processo de produção de conteúdo semântico para uma região, um espaço, procedemos com uma análise textual sintética, esmerada na dimensão linguística do texto, ao nos direcionarmos à arquitetura textual, conforme discute Antunes (2010). Nesses pressupostos, entendemos que (o) texto é regulado por um conjunto de propriedades que, ao estabelecerem relações entre si, produzem textualidade, conceito que nos ajuda a entender que o enunciado concreto, fulcro da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, em Volóchinov (2018, 2019) e no próprio Bakhtin (2016), possui textualidade, no sentido de que o processo enunciativo é construído por propriedades que se relacionam entre si, na estrutura interna do sistema linguístico, por exemplo, mas que, sobretudo, se relacionam e derivam da vida, para a vida, em decorrência de uma função e uma atividade social.

Conforme orientam Volóchinov (2018), Brait (2007) e Antunes (2010), é fundamental que se ultrapasse a dimensão do sistema linguístico de um texto, para que, em uma compreensão interativa e em uma leitura de cunho enunciativo-discursivo, não se aparte o texto das suas condições de produção, universo de referência, esfera da atividade humana e gênero discursivo, por exemplo, mas, principalmente, não se aparte o texto da vida e do seu funcionamento para a construção de dada realidade social, relações e interações sociodiscursivas.

Em um exercício analítico de ultrapassar a dimensão linguística, mas não a desprezar, entendemos que os processos enunciativos acima mobilizados produzem uma série de rastros discursivos que nos fornecem indícios para a problematização dos sentidos pretendidos pelo autor em seu projeto de “dizer-querer-fazer-ser”. Destarte, inferimos que o assassino diálogo e produz ilações com uma rede discursiva que semantizou e semantiza o Nordeste como inóspito, retrógrado e decadente, tanto em termos econômicos como morais, o que pode ser inferido tanto pela amálgama “merdeste”, que equipara o território

à excrementos, quanto pelos processos de marcação dos sujeitos viventes no território. Portanto, entendemos que há uma intersecção determinante entre linguagem e território, práticas discursivas e sociais, de modo a argumentarmos que o atentado-assassinato foi resultante, dentre outras questões, de uma performatividade discursiva de ódio alimentada no preconceito de origem geográfica e de lugar.

Nos termos de Brait (2007, p. 181), ao assumirmos “essa percepção história e social da língua, assim como seus usos e os traços deixados ou dissimulados nos textos, é possível compreender das inalienáveis relações existentes entre linguagem e vida”, neste caso entendemos haver uma relação intrínseca e indissociável entre linguagem, território, vida social e história. Deste modo, ao articularmos pressupostos teóricos de linguagem, em Bakhtin (2016), Butler (1998), Antunes (2010) e Fabrício (2017), entendemos que há nas práticas discursivas, independente da sua modalidade e “arquitetura” semiótica verbovisual, projetos de “querer-dizer-fazer-ser”. Do mesmo modo, compreendemos que os sujeitos, ao tomarem território/região/cidades/lugar como objeto de discurso estão ao mesmo tempo o emprenhando de sentidos e, portanto, participando da sua construção.

Assim, conforme Albuquerque Jr. (2009), os espaços sociais são constructos discursivos, e, por conseguinte, produto de investimentos ideológicos. Logo, como produto discursivo que é, a região que outrora era entendida como da fixidez e da (suposta) estabilidade foi arrastada para a experiência da dúvida e da incerteza e colocada no centro da arena discursiva da vida social, da história e dos processos interativos estruturados na/pela linguagem. Nesta perspectiva, objeto em fuga que é, como diz Albuquerque Jr. (2009), região e demais espaços se constituem, por serem tessituras de linguagem, como objetos complexos (Signorini (1998), que demandam, no agenciamento de diferentes áreas de conhecimento, uma geografia ou geo-história discursiva, conceito que congrega, conforme exposto em alguma medida anteriormente, um conjunto de métodos e noções que promovem a desaprendizagem e o despraticar, especialmente do território enquanto um solo fixo, representacional e um dado natural, mas também o despraticar de um arranjo teórico-metodológico modernista.

Adiante analisamos, de acordo com os objetivos e questões de pesquisa estabelecidas, como (e se) essa amálgama teórico-metodológica se materializa em uma concepção de linguagem em fontes documentais do GELASAL.

Em documentos-fontes, rastros e rostos de uma concepção de língua(gem)

Como informado, objetivamos, neste trabalho, investigar a concepção de língua(gem) do Gelasal através de resumos acadêmicos publicados nos anais do II ENALA, além de identificar e interrogar quais relações dialógicas são estabelecidas com outras concepções de linguagem e os (possíveis) desdobramentos epistemológicos. Assim, questionamos: qual é a concepção de língua(gem) que sustenta as pesquisas nesse círculo de estudos? Quais os diálogos teórico-metodológicos com outras concepções e (possíveis) desdobramentos/deslocamentos epistemológicos?

Metodologicamente, perscrutamos uma leitura enunciativo-discursiva dos dados, referenciando-nos em Volóchinov (2018), procedimento que ganha vida ao

problematizarmos condições de produção do enunciado, tais quais a i) esfera de circulação, ii) o gênero do discurso e iii) os arranjos estilísticos e estratégias linguístico-discursivas-semióticas, conforme já apresentamos em tópico anterior. Assim, em um procedimento de cópula e indisciplina teórica-metodológica, dialogamos com Antunes (2010), que intentamos promover, junto à leitura enunciativo-discursiva, uma “compreensão interativa”, com fulcro à análise das condições de textualidade do enunciado, ou seja, aquilo que entendemos conferir às condições para que a costura discursiva (Brait, 2007) inerente aos projetos de “querer-dizer-fazer-ser” tenha possibilidade de efetivação na interação.

Entendemos, em articulação com as ideias de Volóchinov (2018), Fabrício (2022) e Antunes (2010), que os enunciados possuem força performativa e poder semiótico. Nesta perspectiva, conforme Bakhtin (2016), o processo enunciativo é interativo-diálogo e se dá sempre de um “eu” para um “outro”. Do mesmo modo, argumentamos, conforme Fabrício (2022) e Derrida (1973), que o enunciado, integrante basilar das práticas languageiras, não transparente que é, produz rastros, ou seja, um dado significado que nunca está completamente presente na materialidade e superfície semiótico-pragmática e/ou verbovisual, mas, na diferença, no adiamento e, especialmente, no silêncio.

Desta forma, ao tomarmos como objeto de estudos oito resumos acadêmicos, aqui entendidos como documentos-fonte, em diálogo com Albuquerque Jr. (2015, 2023), entendemos não se tratar de uma materialidade ou objeto evidente, nos quais (supostamente) os sentidos estariam dispostos, transparentemente, na superficialidade do texto. Nessa perspectiva, o empreendimento de uma leitura enunciativo-discursiva com vistas a uma compreensão interativa nos possibilita, ao rastrear e elaborar sentidos no silêncio e no adiamento, produzir “ilações e relações dialógicas” entre os “resumos-documentos-fontes” e elaborar uma “face” ou “faces” da/das concepção/concepções de linguagem adotada/construída pelo coletivo de estudos e contribuir, nessa perspectiva, para explorar uma questão que está no cerne dos grupos de estudos em língua no Brasil, a questão da língua/linguagem.

As análises e os dados são mobilizados através de bricolagens (Albuquerque Jr., 2011) e topicalizações, ou seja, fragmentos dos documentos fontes que indiquem regularidades, “deslizes” ou irregularidades discursivas significativas. Adiante, prosseguimos e discutimos a) sobre a esfera acadêmica; b) anais de eventos acadêmicos; c) resumos acadêmicos e posteriormente sobre o arranjo estilístico e as ilações e/ou relações dialógicas, aspectos que nos fornecem, também, rastros para a problematização dos documentos-fontes e a produção de sentido que deles decorrem.

Da esfera da atividade humana e gênero do discurso

Os resumos foram publicados em 2024 na obra intitulada “Anais do II Encontro Nacional de Linguística Aplicada”, em formato de e-book, na editora Lupa, e subscrevem a publicação vários(a)s autor(a)s, dentre os quais Souto Maior *et al.* Conforme podemos inferir, consideramos que a obra está inserida na esfera humana acadêmico-científica, uma instância organizadora de textos/enunciados, cujo objetivo principal é a produção de

conhecimentos técnicos, científicos e especializados em determinada área do saber, mediante gêneros textuais-discursivos como resumos, anais de eventos etc.

De acordo com o discutido em Oliveira e Pereira (2019), a esfera acadêmica promove/enseja diálogo constante com já-ditos, seja para corroborar com dadas posições axiológico-teóricas-metodológicas ou confrontá-las, refutá-las. Essa esfera é responsável, portanto, para além de promover o diálogo, tanto no corroborar quanto no contra-responder, pela promoção e circulação do conhecimento produzido em grupos de pesquisa e eventos acadêmicos, por exemplo.

Desta forma, um gênero acadêmico que atende especialmente a essa especificidade da academia são os anais de um evento, publicação impressa ou digital que congrega uma coleção de trabalhos produzidos em um dado evento científico. Ao refletirmos especificamente sobre os “anais do II Enala”, somos inclinados a pensar que neste grande enunciado-obra estão compilados todos os trabalhos apresentados no evento.

Acerca, em específico, do gênero resumo, Pinheiro e Pereira (2012) consideram que esse gênero discurso se configura como a apresentação concisa dos conteúdos de outro texto, com o objetivo de informar ao leitor sobre os conteúdos. Esses autores, retomando o trabalho de Van Dijk (1978), caracterizam o resumo como um processo de redução do texto-fonte, que segue um modelo de macrorregras, quais são *apagamento* e *substituição*, de modo que as regras de apagamento selecionam aquilo que é relevante para estar no resumo do conteúdo original, e a substituição integram novas proposições, integrando no resumo informações expressas no texto-fonte. Sob o ponto de vista de Pinheiro e Pereira (2019), a topicalização, organização tópica, parece ser um critério utilizado no processo de redução das informações do texto-fonte, de modo que o resumo acadêmico, por exemplo, é elaborado de acordo com tópicos como a introdução, objetivos, metodologias, referências, resultados e conclusões.

Neste sentido, entendemos que esses são alguns dos pressupostos que enformam a costura discursiva integrante da arquitetura textual de um resumo, de forma que compreender tais aspectos nos permite perseguir com mais propriedade, adiante, com o “rastreo” dos sentidos propostos e materializados concretamente em documentos-fonte do GELASAL.

Em resumos-documentos acadêmicos, concepção de linguagem

Como anunciado anteriormente, tomamos como fontes de análise oito resumos acadêmicos, os quais possuem autoria e estão intitulados, respectivamente: Santos Filho (2024a) “A interface “linguagem e território” como objeto de estudos na Linguística Aplicada: questões de sertão/Nordeste”; Santos Filho (2024b) “O livro didático de língua portuguesa na produção do sertão/Nordeste”; Santos (2024a) “Paisagem linguística e a construção de socioterritorialidades sertanejas”; Santos (2024b) “Narrativas do sol: reconstrução identitária do sertão em enunciados de mestres da cultura popular”; Rocha (2024) “Onde habita(m) o(s) sentidos de cidade: um percurso reflexivo sobre a tematização de ‘cidade’ em um livro didático”; Souza (2024) “Lições on-line da ‘Literatura da seca’ por booktubers e ‘propostas de sentido’ sobre sertão/Nordeste”; Martins (2024) “Como pode

o sertão ser tão seco? (re)enunciações de um ser-tão uno/seco na literatura infantil”; Barbosa (2024) “Em ‘mar do sertão’, uma cidade avermelhada: a telenovela em reportagem televisiva”.

Consideramos que os títulos dos trabalhos já nos apresentam, de cara, algumas questões relacionadas à concepção de linguagem. Rocha (2024), por exemplo, opta por utilizar o sintagma nominal “tematização” de “cidade”. Em termos de um sentido dicionarizado, tematização, um substantivo feminino derivado do verbo tematizar, é o processo de usar dada questão como destaque em um tópico de discussão. Mas, como esses sentidos potenciais estão funcionando nesse enunciado? Em virtude de a autora argumentar, em momentos posteriores do resumo, que mobiliza noções de enunciação do Círculo de Bakhtin, inferimos que ao utilizar o sintagma “tematização de cidade”, a linguista está fazendo referência ao conceito de *tema* discutido por Volóchinov (2018), isto é, aquilo que torna cada enunciado único por se tratar dos sentidos que são produzidos na materialidade semiótica em dada interação no processo enunciativo. Desta forma, inferimos que a autora está interessada não nos sentidos já estabelecidos e relativamente estáveis para a noção de cidade, a significação, mas, em sentido contrário, nos sentidos que estão sendo produzidos tematicamente para cidade no contexto daquele dado processo enunciativo concreto.

Santos (2024a; 2024b) se utiliza nos seus títulos dos sintagmas “Paisagem linguista e a construção de socioterritorialidades sertanejas” e “(re)construção identitária em enunciados”. Há, portanto, o interesse em um conjunto de técnicas para construir, sejam as territorialidades ou identidades dos espaços. Assim, inferimos que há aí uma noção de que através dos enunciados integrantes das “paisagens linguísticas” aspectos da realidade são construídos. Já Souza (2024) trata acerca de “propostas de sentido” sobre sertão/Nordeste. Assim, a autora, ao utilizar esse sintagma nominal, cujo núcleo principal é o substantivo “proposta”, o ato ou efeito de propor, nos indicia a compreender que há nas práticas discursivas um arranjo linguístico-semiótico que materializa, conforme Antunes (2010), um querer-dizer, no caso da referida pesquisa um querer-dizer sobre sertão/Nordeste. Por outro lado, Santos Filho (2024b) se utiliza do sintagma “produção do sertão/Nordeste”. A palavra “produção” diz respeito a todo o tipo de atividade que visa a origem de um serviço, objeto ou produto. Assim sendo, o uso do termo “produção” no referido título nos indicia que o autor entende o sertão como um produto, neste caso o produto de uma operação (produção) que se dá na/pela linguagem em um livro didático.

À vista do analisado, seja pelo processo de tematização, construção, produção e/ou proposta de sentidos, inferimos que os títulos dos trabalhos já se configuram como uma “face” teórica da noção de linguagem adotada no Gelasal em uma geo-histórica discursiva, pois podemos inferir, diante das escolhas lexicais realizadas, que ao entender que os espaços, sociabilidades e identidades são construídos, produzidos, tematizados e propostos há um caráter construcionista da linguagem, que se distancia, portanto, de um ideal linguístico representacional. Do mesmo modo, articula-se nesse distanciamento a noção de que há nos processos interativo-discursivos projetos de querer-dizer-fazer-ser nos termos de Antunes (2010) e Fabrício (2022) que reverberam na forma de inventar, construir, e propor o sertão, neste caso.

No tópico temático que corresponde à introdução, chamamos a atenção para o trabalho de Santos Filho (2024b, p. 605), pois esse pesquisador é o único a abordar, dentre

as oito fontes, os estudos desenvolvidos no coletivo de estudos já citado, que, para ele, dizem respeito “à problematizar a relação língua-vida a interrogar a interface linguagem e território”. Chamamos à atenção para o uso do hífen em língua-vida, recurso gráfico utilizado para promover a junção de duas unidades lexicais em uma única unidade de sentido, a palavra *língua* – de acordo com oxford languages “um sistema abstrato de signos inter-relacionados” – e a palavra vida – “propriedade de organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte”. O linguista, ao unir essas duas palavras entende, portanto, que a língua é um organismo vivo? Entendemos que não, pois, conforme as demais escolhas lexicais no decorrer do resumo, o autor se vale do termo “língua-vida” para se contrapor a um “conceito-método zumbi” que considera ser o estudo da língua uma abstração residual das relações entre língua e vida social. Desta forma, a estratégia adotada por Santos Filho (2024b) nos fornece um rastro, já na introdução, de uma noção de língua que entende a vida social sendo animada e construída pela língua.

Na topicalização teórico-metodológica, todas as fontes apontam para um procedimento analítico: a “leitura enunciativo-discursiva”, abordagem “interpretativista” de cunho qualitativo. Desta forma, inferimos que, apesar de haver o processo de “apagamento” – que atende ao pressuposto do gênero resumo – dos conceitos de linguagem em seis dos oito resumos, a escolha lexical por denominar a análise como “enunciativo-discursiva”, fornece um rastro extremamente significativo, assim como as escolhas lexicais “enunciação”, “Círculo de Bakhtin” e “diálogo”, para inferirmos que a face da concepção de linguagem central nos estudos do Gelasal é, justamente, a enunciativo-discursiva, dialógica, ou seja, aquela dedicada à discutir sobre “a esfera discursiva”, o “gênero discursivo” e os “arranjos linguísticos” que integram os projetos de dizer.

Já Santos (2024a) destaca no excerto “objetivo[...] compreender como a ‘paisagem linguística’ do município de Piranhas [...] constrói socioterritorialidades sertanejas”. O que nos serve de rastro nesse enunciado é novamente um sinal gráfico de pontuação, especificamente os aspeamentos utilizados pelo autor no termo “paisagem linguística”. As aspas são comumente utilizadas para marcar uma citação de enunciados de outrem, para destacar palavras ou expressões, para indicar títulos de obras. Mas, quais são os sentidos de uso do referido sinal gráfico nesse enunciado concreto? Inferimos que, em virtude do próprio objetivo, que é entender como a paisagem linguística reconstrói socioterritorialidades, o autor fez uso das aspas para marcar que esse termo não daria conta, em alguma medida, das questões teóricas que envolvem a noção de construção (sociodiscursiva) do referido espaço, pois, por exemplo, o termo linguística está impregnado pela noção de que o uso da língua representa dada realidade, assim como o fato de que esse termo nomeia uma ciência dedicada a estudar à língua em seus aspectos estruturais, em processo de abstração, residualidade e apartamento de questões que não digam respeito a esse objeto. Neste sentido, as próprias aspas funcionam como um indício relevante que aponta, dentre outras coisas, um aspecto teórico relevante, um distanciamento, em alguma medida, do ideário linguístico moderno.

Outro trabalho que chama a atenção, no tópico de objetivos, é o de Souza (2024), pois a autora “analisa a performatividade sobre esse espaço político-geográfico e sobre o ser sertanejo(a)/nordestino(a)”. Um primeiro dado diz respeito à conjugação verbal, pois a autora utiliza o verbo “analisar” conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo, o

que produz sentidos de afastamento entre sujeito e a ação desenvolvida na pesquisa. Essa escolha lexical e morfológica se configura como uma irregularidade dentre as oito fontes analisadas, pois as pesquisas no Gelasal materializam, na maioria das fontes, o que Santos Filho (2024a) em seu resumo denomina ser uma “proximidade crítica”. Outro dado apresentado em Souza (2024) é que o objetivo da pesquisadora consiste na análise da “performatividade” do espaço e das pessoas. Esse é um termo que marca notadamente a teoria dos atos de fala de Austin (1990) e de gênero de Judith Butler (2019), teorias nas quais se considera que as práticas discursivas têm o poder de criar, moldar e/ou reforçar realidades sociais. No caso da pesquisa de Souza (2024), a pesquisadora compreende, podemos inferir, que tanto o espaço do sertão quanto os sujeitos sertanejos são produto de reestilizações e citações de discursos de outrem.

Acerca em específico da noção de língua, Santos Filho (2024a, p. 69) enuncia que “Filiamo-nos, então, à noção de ‘língua’ como ‘rizoma’, prezando por outra ‘ideologia linguística’”. Ao aspear o termo “língua”, o autor se vale desse recurso gráfico para marcar, inferimos, que o conceito não está sendo mobilizado para remeter a uma noção linguística moderna pura e simples, mas a um deslocamento de sentidos, haja vista que adiante o termo é predicado/adjetivado como “rizoma”. Língua enquanto rizoma é, nesta perspectiva, uma metáfora de querer-dizer-fazer-ser que a língua, dentre outras coisas, possui um sistema que não é linear, mas passível de rearranjos constantes e que produz conexões e intersecções continuadas, com diversas partes interligadas e funcionando mutuamente. Ao argumentar, também, que os estudos dos quais fala prezam por outra “ideologia linguística”, Santos Filho (2024a) indicia que a concepção de língua da qual se afasta também é ideológica, por consequência um investimento teórico que atende a determinados interesses e exclui outros.

Outro dado relevante é que todos os documentos-fonte foram resumos acadêmicos desenvolvidos a partir de pesquisas que discutiram a manutenção da matriz discursiva sobre o sertão/Nordeste ou sobre cidade, em Rocha (2024), pois trataram e apresentaram como resultados a construção de: i) de uma “cidade avermelhada” em reportagem televisiva, ii) “paisagens linguísticas” de seca e tradicionalidade, iii) “narrativa literária” que dialoga e (re)enuncia dizeres forjados no final do séc. XIX, iv) resenhas críticas *on-line* que mantém discursos estereotipados; v) identidades reconstruídas, vi) espaço sertanejo construído em lições como rural, arcaico, rude e seco, vii) noção de cidade enquanto solo fixo. Tais dados nos permitem inferir, pelo silêncio, três questões, tais quais: i) as regularidades e/ou manutenções discursivas, poderosas e persuasivas que são, demandam (ou podem demandar) maior atenção e problematização; ii) não está privilegiada nesses estudos do Gelasal a problematização do funcionamento das práticas de linguagem em narrativas contra-hegemônicas que apontam para outros sentidos sobre sertão/Nordeste e cidade.

Além do mais, conforme esperado, há uma filiação teórico-metodológica explicitada pelo nome do próprio grupo de estudos, filiação que se materializa e ganha vida efetivamente nos documentos-fonte analisados. Desta forma, as pesquisas desenvolvidas apontam um forte hibridismo epistemológico, galgado em “cópulas de indisciplinaridade” no qual a língua(gem) indiciada como rizoma, prática discursiva, social e dialógica é elemento indissociavelmente da construção da realidade e, por consequência, dos espaços sociais.

Considerações finais

Mediante todo o discutido, concluímos que não há somente uma concepção de linguagem em funcionamento nos estudos do Gelasal, mas, sim, uma cópula, um hibridismo teórico e/ou mestiçagem teórico-metodológica, pois fazem dialogar os estudos do dialogismo bakhtiniano, sobretudo em Volóchinov (2018), os estudos da performatividade em uma perspectiva *queer*, nos quais se busca estranhar os sentidos produzidos performativamente, e uma concepção de língua(gem) enquanto rizoma, desenvolvida nos estudos em LA, com base em Moita Lopes (2013), por exemplo.

Em termos epistemológicos do fazer pesquisa em LA, nota-se, fortemente, o diálogo realizado com dissemelhantes áreas de conhecimento, em um procedimento de indisciplinaridade que faz dialogar, em curto-circuito (Signorini, 1998), especialmente a historiografia dos espaços e a geografia, em uma perspectiva de “geografia” ou “geo-história” discursiva, empreendimento teórico metodológico que opera na busca de pensar como as relações entre linguagem produz, performativamente, os espaços e os sujeitos nele viventes.

Em conclusão, consideramos ter “alcançado” os objetivos e respondido às questões que nortearam a investigação, de modo que o exercício analítico nos possibilitou delinear aspectos teórico-metodológicos do fazer pesquisa em LA no coletivo intelectual supracitado. Entendemos, por fim, que o empreendimento, nas pesquisas, de uma geo-história discursiva ou geografia discursiva, promove uma suspeição do pensamento fronteiro e de categorizações modernistas que repercutem, inclusive, para a concepção de linguagem.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo/SP, Parábola Editorial, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, 10(17), 55–67, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em 08 de ago. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. **ArtCultura**, [S. l.], v. 15, n. 26, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29126>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 33, n.61, p. 225-251, jan/abr 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/vh/a/JVJF8gfD7f8SHFHBvX9twjm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08 de ago. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. As hierarquias do silêncio: não ditos significativos no momento de se realizar um estudo de história da historiografia. IN: COSTA, Bruno Balbino Aires da; SANTOS, Evandro; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. (Org). **Ensaio de teoria da história & história da historiografia**. Teresina: Cancioneiro, 2023, p. 33-50.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. O Texto Mostra a Língua, Costura E Descostura Discursos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, no. 9, p. 169-183, disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59778>. Acesso em Acessado 12 de ago. de 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar, 18ª ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma indisciplinaridade radical. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/NLzRdFrwJTVq4SRyn3vBdFH/abstract/?lang=pt#>. pennycook Acesso em 10 de ago. de 2024.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Nosso ser-assim é uma atividade. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da; GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; MELO, Glenda Valim de; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, raça e classe social**. São Paulo: Parábola, 2022, p. 11-14.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos, uma política pós-identitária para a educação. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea – problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: Luiz Paulo da Moita Lopes (Org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 87-107.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. PENNYCOOK, Alastair. In: Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Org).

Linguística Aplicada e transdisciplinaridade – questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 21-46.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006. p. 67-83.

PENNYCOOK, Alastair; OTSUJI, Emi. **Metrolingualism: language in the city**. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015.

PENNYCOOK, Alastair; PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Reflexões Sobre Linguística Aplicada Crítica: Uma Conversa Com Alastair Pennycook. **Signótica** 28, no. 2 (novembro 23, 2016): 613–632. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/44708>. Acessado em 15 de ago. de 2024.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; PEREIRA, Jaqueline Andréa Medeiros. O resumo acadêmico: textualidade e ensino. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 14, n. 1 Ed. Esp, p. 117–130, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9386>. Acesso em: 13 ago. 2024.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. SANTOS, Hugo Pedro Silva dos. **Por uma geografia discursiva em Linguística Aplicada: sertão/Nordeste em textos do cotidiano**. [No prelo, 2024].

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. “O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia”. [Notas para uma Linguística Aplicada Antidisciplinar crítico-transgressiva. IN: FOLMER, Ivano; BASQUEROTE, Adilson Tadeu (Orgs). **Educação e ensino: entre experiências e perspectivas**. Santa Maria: Arco Editores, 2023, p. 180-211.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto de pesquisa em Linguística Aplicada e ao complexo. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade questões e perspectivas**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1998. p. 99-110.

SILVA, Daniel Nascimento. **Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira**. 2010. 192 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1611269>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP, Editora 34, 2018.

Recebido em 15 de agosto de 2024

Aceito em 23 de setembro de 2024